

# *Ostia Antica* – o espaço arqueológico / museológico. Uma experiência educativa: um outro modo de ver

Maria Helena Delgado \*

## Resumo

A comunicação *OSTIA ANTICA* é um apelo à atenção que recai na problemática das ruínas arqueológicas abertas ao público. Ao tomar como exemplo este espaço, que foi percorrido aleatoriamente, num percurso considerado o mais provável, vê-se e descreve-se com olhar crítico o sítio arqueológico e as peças nele expostas. Conclui-se que em Ostia, ou em qualquer lugar idêntico nacional, as ruínas necessitam de serem valorizadas e musealizadas para que todos, e não só os arqueólogos, possam entender e interpretar o passado.

## Résumé

*Ostia Antica est un appel à l'attention qui insiste sur le problème des ruines archéologiques ouvertes au public. C'est un espace pris comme exemple du parcours le plus probable qu'on suit généralement dans un sens aléatoire. On voit d'un regard critique le lieu archéologique et les pièces qui s'y trouvent exposées. La conclusion à laquelle on peut arriver à Ostia ou dans un site archéologique analogue du Portugal, c'est que les ruines ont besoin d'être valorisées et surtout traitées comme des musées, afin que tous, et pas seulement les archéologues, puissent entendre et interpréter le passé.*

---

\* Arquitecta. Museóloga. Mestre em História da Arte.



## 1. Introdução

Ao aceitar o convite do Director do Museu Nacional de Arqueologia, Doutor Luís Raposo para a participação no 1.º Encontro Nacional de Museus com Coleções de Arqueologia, colocou-se-me a questão do tema da comunicação, visto que não sou arqueóloga, nem estou inserida em nenhum museu, apesar de pertencer ao recém-criado Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arqueologia. Então, a opção recaiu sobre o conhecimento que possuía da antiga cidade de Ostia e das aulas leccionadas aos alunos do 1.º ano do Curso de Arquitectura da Faculdade das Artes da Universidade Moderna sobre as cidades romanas e a sua arquitectura. No entanto, visto tratar-se de um tema referente à museologia, houve necessariamente alterações para, num outro modo, ver um espaço arqueológico que se quer *musealizado*. Ver através de um olhar não especializado em arqueologia, mas com algumas noções de museologia. Ver, pois, com um olhar crítico, um espaço que também é destinado ao turista, o qual, salvo raras excepções, é leigo em questões arqueológicas. Esta problemática é muitas vezes esquecida, principalmente no que respeita aos espaços de ruínas conservadas, quer seja em Ostia ou noutra lugar nacional em idêntica situação. Penso que, certamente, existirá algum paralelismo, sendo muitos os exemplos que se poderão referenciar, apesar de constatar que em Portugal, as intervenções de valorização dos sítios e a sua interpretação tem sido implementada pelos serviços competentes.

## 2. A história e o percurso ou o percurso histórico

Ostia antiga, outrora porto imperial romano, encontrava-se na foz (*ostium*) do rio Tibre. Testemunhos arqueológicos indicam que aquela localidade foi habitada desde o séc. VII a.C. Contudo, a cidade foi provavelmente fundada no séc. IV a.C., por uma colónia militar (Scrinarì, Pellegrino e Lauro, 1989, p. 4).

Após tantos séculos, a sua malha urbana permanece quase intacta (fig. 1) e é um paradigma da vivência quotidiana de uma antiga cidade romana, que como muitas outras foi vilipendiada. Foi exemplo, a utilização dos seus materiais de cantaria na construção da catedral de Pisa.

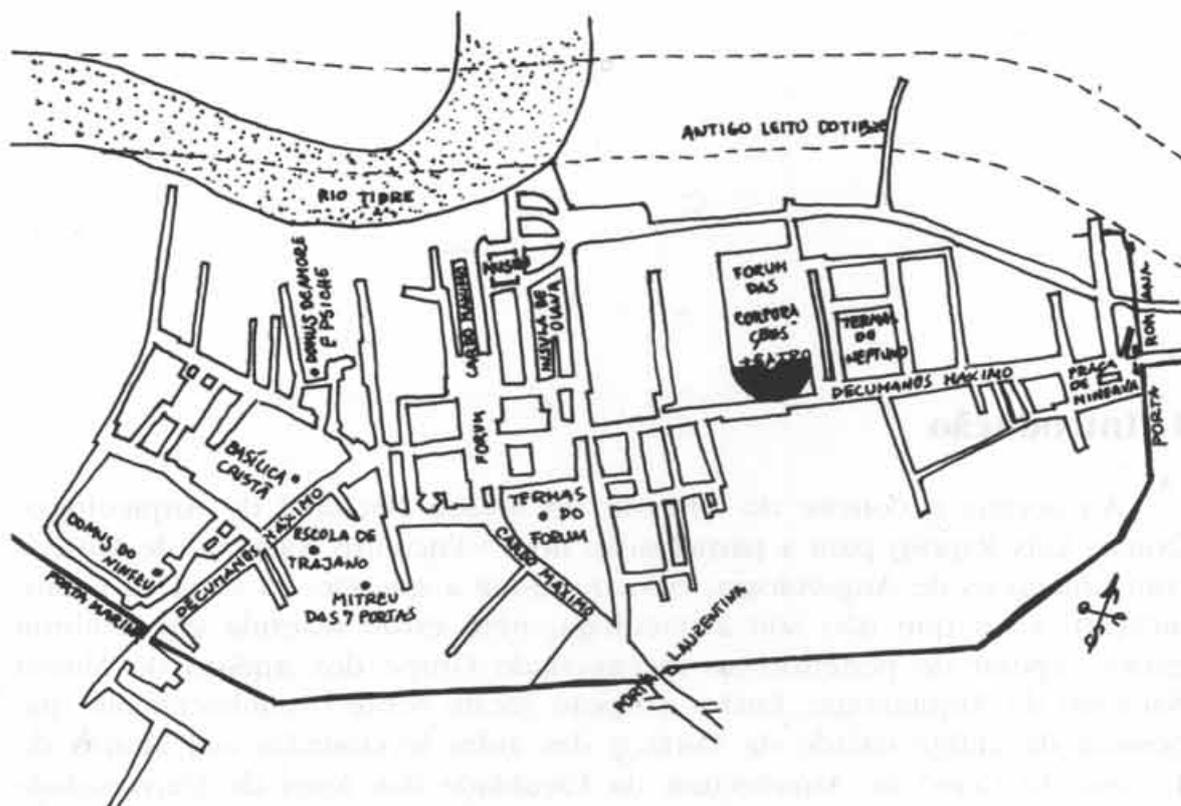


Fig. 1 – Planta de Ostia (esboço a partir de Benevolo, 1993, p. 177).

Ao percorrer o *Decumanus Maximus*, entrando pela Porta Romana, encontram-se peças arqueológicas, ali colocadas pelo homem, integrando-se no entanto, em harmonia, no meio ambiente (figs. 2 e 3)<sup>1</sup>.



Fig. 2 – Tampa de um sarcófago (?).



Fig. 3 – Fragmento de um friso com figura (?).

<sup>1</sup> Todas as fotografias apresentadas foram tiradas pela autora.

Um leigo, com algum poder de observação, perguntará:

– Que peça será? Donde veio? Porque foi colocada aqui? O que quer transmitir? Será este o melhor local para a sua implantação?

Como responder a estas perguntas? A transmissão do saber terá obviamente de ser calculada e adequada para ser dada a conhecer através de uma forma simples. O público interessado, deve ser devidamente informado. É da competência do arqueólogo/museólogo encontrar soluções para dar a conhecer o espólio exposto.

Paralelamente à Via Ostiense, surge a Necrópole situada junto à Via dos Sepulcros (figs. 4 a 6) – espaço de “memória silenciosa” relativamente bem preservado e identificado, não obstante a imperceptibilidade da maioria das legendas.



Fig. 4 – Arco pleno e nichos.



Fig. 5 – Nichos para as urnas.



Fig. 6 – Arco e consolidação das ruínas.

Se as legendas desaparecerem totalmente, tornar-se-á quase impossível a “leitura” deste espaço para o público que o visita. Para o arqueólogo é fácil recriar mentalmente o conjunto da Necrópole, mas uma legenda com um desenho perspectivado auxiliaria o visitante comum “a ver o passado” daquele espaço.

Pela via paralela ao *Decumanus* segue-se um percurso que parece mais correcto e logo se impõe uma estátua (fig. 7). Chega-se à *Piazzale* de Minerva alada (segundo o livro que adquirimos mais tarde), representada pela estátua grandiosa nas suas formas, proporções e ornamentação (fig. 8).

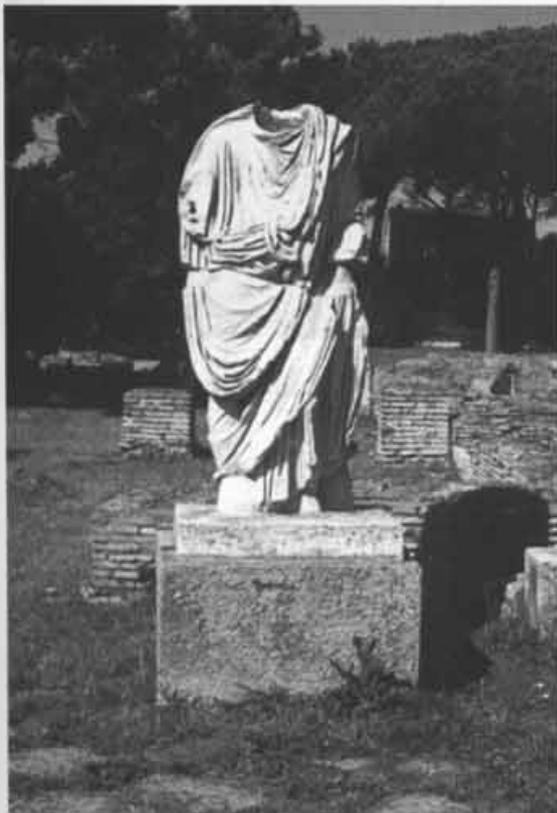


Fig. 7 – Estátua em mármore.



Fig. 8 – Minerva alada.

Ao lado, enquadrado na relva, surge um mosaico, bicolor, com figuras geométricas (fig. 9 e 10).

Agora, ao visitante um pouco confuso põe-se a questão: Por onde seguir? Continua-se em direcção a Oeste ou volta-se para trás? Resolve-se seguir a segunda opção e depara-se com um labirinto de muros (fig. 11), que não são mais do que as ruínas dos armazéns republicanos. Para Norte situam-se as termas denominadas dos *Cisarii* (carroceiros), com um mosaico no pavimento do *frigidarium*, devidamente identificado (fig. 12 – de notar os carros puxados por mulas).

Novamente no *Decumanus*, com aproximadamente 9 metros de largura, via que ligava a Porta Romana ao mar, numa extensão de 1Km e meio ainda hoje se notam os sulcos feitos pelas rodas dos carros no lajedo original, construído com pedras poligonais irregulares (fig. 13 – com poço).



Fig. 9 – Meandro de suásticas de volta dupla.

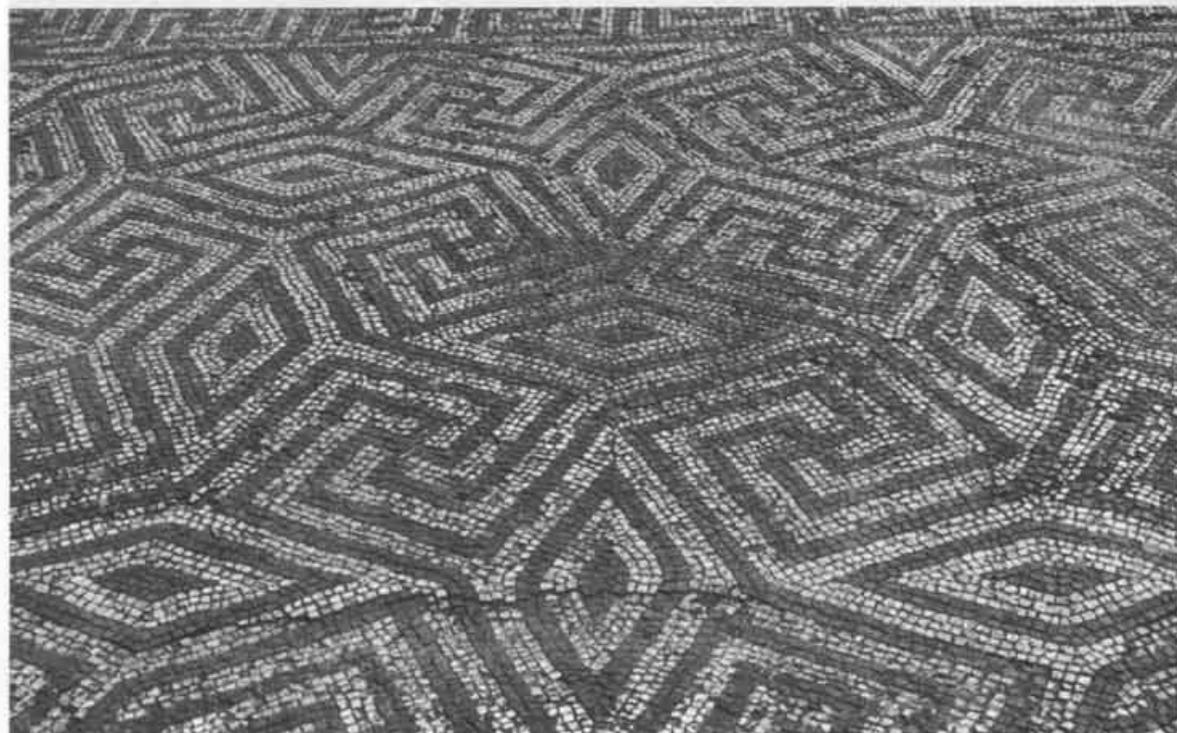


Fig. 10 – Pormenor do meandro.



Fig. 11 – Ruínas dos armazéns republicanos.



Fig. 12 – Termas de Cisiarii – mosaico no pavimento do *frigidarium*.



Fig. 13 – *Decumanus* – pavimento original.

Com a sensação de se ter deixado alguma coisa para trás, o que veio a ser confirmado *à posteriori* – as Termas de Neptuno, uma das mais importantes de Ostia e a Caserna dos Vigilantes – (esta situação não aconteceria se houvesse um percurso indicativo) chega-se junto do Anfiteatro. Aqui surgem expostas 3 belíssimas peças, uma vez mais sem legendagem. Um capitel compósito (fig. 14),



Fig. 14 – Capitel compósito.

um sarcófago com figura central tocando lira (fig. 15) e um outro, mais elaborado com cenas da vida familiar e social, inseridos na central, num pórtico triangular e as laterais em arcos de volta perfeita (fig. 16). De novo se põe a questão: Estas peças não precisam de legendas?



Fig. 15 – Sarcófago.



Fig. 16 – Sarcófago.

O anfiteatro (figs. 17 a 19) foi erigido na época do imperador Augusto, tendo sofrido uma ampliação para comportar cerca de 4000 lugares (Scrinari, Pellegrino e Lauro, 1989, p. 23).



Fig. 17 – Anfiteatro.



Fig. 18 – Anfiteatro.



Fig. 19 – Anfiteatro – máscaras.

Atrás do teatro encontra-se a Praça das Cooperações, centro comercial e económico da cidade, não antes de se deixar para trás uma ara esculpida nas suas quatro faces. Numa delas figura a loba, Remo e Rómulo (fig. 20). Ao longo de um corredor, pequenos espaços revestidos de mosaicos no pavimento, destinados a 64 companhias marítimas, sobre os quais se pode circular livremente (figs. 21 a 24).



Fig. 20 – Ara esculpida.



Fig. 21 – Farol do porto de Cláudio.



Fig. 22 – Figura humana com touro.



Fig. 23 – Figura humana e animais.



Fig. 24 – Animal marinho.

Alcança-se finalmente o Museu, que se encontra fechado para reestruturação dos seus espaços. Na loja, podem adquirir-se algumas obras para ajudar a compreender melhor o que se viu e não se viu e o que se viria ainda a ver. O sol queima e nem sinais de bar (nem todos os museus são como o de Conímbriga!). O percurso é ainda extenso, enfim o tempo urge! Por onde se vai? Por ali!

Por vias não rectilíneas, chega-se ao *Forum*. Este com os seus edifícios principais estão bem assinalados e historiados, o que já não acontece com os menos importantes, como a *insula* de Diana (fig. 25), o edifício do *Thermopolium* que se consegue identificar pelo famoso fresco, a casa do Amor e *Psyche*, os moinhos, as tinturarias, a *Insulae* dos aurigos.

Muito ficou por ver, como o *Mitreo* das sete portas, o *Domus* de *Dioscuri*, as Termas das sete sapiências, para referir apenas alguns.



Fig. 25 – *Insula* de Diana.

### 3. Conclusão

As ruínas que se querem musealizadas são uma exposição permanente, pelo que terão de ser tratadas como peças museológicas. Quer se trate de Ostia, quer se trate de ruínas arqueológicas portuguesas, exploradas turisticamente pelos próprios países, estes terão a obrigação de as conservar e sobretudo de as dotar com todos os meios de informação, até mesmo os mais recentes, como os virtuais.

De entre outras soluções, de acordo com as disponibilidades financeiras, que poderão ser implementadas isolada ou concomitantemente, pode-se sugerir:

- Um pequeno folheto informativo com planta legendada e um percurso idealizado, que de preferência será distribuído gratuitamente ou por um preço simbólico, juntamente com a aquisição do bilhete de ingresso ou ainda impresso no verso do bilhete;
- Informação adequada junto das peças / ruínas expostas;
- visitas guiadas, por estudantes, estagiários ou outros, ou informação prévia dada aos visitantes através de uma pequena exposição com os meios convenientes, desde fotografias, maquetes ou realidade virtual.

As belas ruínas de Ostia, onde se “cheira o mar”, onde se “ouve o presente” no chilrear dos pássaros e se “olha o passado” com imaginação, merecem ser vistas, descobertas e interpretadas por todos, de tal forma que se consiga estabelecer uma dialéctica entre o imaginário e o real.

### Bibliografia

BENEVOLO, L. (1993) – *História da Cidade*. Trad. de Sílvia Mazza. 2.ª ed. S. Paulo: Editora Perspectiva.

OSTIA ANTICA. [http:// www.lainet.com/italy/ regions/latium/ /ostia,htm](http://www.lainet.com/italy/regions/latium/ostia.htm)

SURINTENDANCE ARCHÉOLOGIQUE DE OSTIE (1981) – *Ostie autrefois et aujourd'hui*. Roma: Vision. Guide avec reconstructions de l'ancienne Ostie.

REAL, F. C. S. (1996) – Património arqueológico: conservação e usos. *Cadernos SPPC*. Évora. 3, p. 21-29.

SCRINARI, V. S. M; PELLEGRINO, A. e LAURO, G. (1989) – *Ostia e Porto: Le zone archeologiche e I Musei*. Milano: Federico Garolla Ed. (Guida; n.º 16).

